

A SEMELHANÇA FOGO MORTO: OBRA PECULIAR DE JOSÉ LINS DO REGO

Adailton José de Oliveira

UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba, FEA - Faculdade de Educação e Artes, Rua Tertuliano Delphin Filho, nº. 181, Campus Aquarius, e-mail: olivadailton@yahoo.com.br

Resumo - Esta pesquisa tem como objetivo analisar e tecer considerações relativas à obra “*Fogo Morto*”, obra-prima de José Lins do Rego Cavalcanti. A narrativa faz parte do ciclo da cana-de-açúcar e é dividida em três partes, cada uma delas apresentando o que acontece em torno dos seus personagens principais: Mestre José Amaro, o engenho de Seu Lula e o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha. Constitui-se de uma bibliografia, cujo embasamento teórico se construiu a partir de consultas a obras existentes em acervos de bibliotecas localizadas em São José de Campos e *sites* da Internet.

Palavras-chave: Peculiaridades, regionalismo, engenho, romances socializantes, ciclo da cana-de-açúcar

Área do Conhecimento: LINGÜÍSTICA LETRAS E ARTES – (Letras)

Introdução

A opção, desta pesquisa, por analisar e tecer considerações relativas a *Fogo Morto*, centraliza-se nas peculiaridades desta obra de José Lins do Rego.

Fogo Morto é considerado uma obra-prima do ciclo da cana de açúcar. O autor minimiza o caráter autobiográfico e nostálgico das obras precedentes e acrescenta à sua extraordinária facilidade de narrar, que mais lembra um contador de histórias marcado pela oralidade, naturalidade, objetividade consciência compositiva que o caráter sentimental e espontâneo das obras anteriores encobria.

Nesta obra, embora o autor tenha dado o ciclo da cana de açúcar por encerrado com a publicação de *Usina* em 1936, lançou-se após sete anos, *Fogo Morto*. Nesta obra, retorna a mesma idéia nuclear dos romances anteriores, assim como o engenho Santa Rosa e a figura do coronel José Paulino, ainda que de maneira periférica.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e tecer considerações relativas à obra *Fogo morto*, obra-prima de José Lins do Rego Cavalcanti. A

narrativa faz parte do ciclo da cana-de-açúcar e é dividida em três partes, cada uma delas apresentando o que acontece em torno dos seus personagens principais: Mestre José Amaro, o engenho de Seu Lula e o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha. Constitui-se de uma pesquisa bibliográfica.

Metodologia

Este trabalho se constitui em uma pesquisa bibliográfico-qualitativa, cujo embasamento teórico se construiu a partir de consultas realizadas em obras existentes em acervos de bibliotecas localizadas em São José dos Campos, e em *sites* da Internet.

Resultados

Utilizando a literatura como instrumento para a compreensão de um determinado período histórico, além da obra de José Lins do Rego Cavalcanti, usado como fonte de pesquisa complementar, obras de comentadores ambos de alguns autores, sociologia da literatura, crítica literária e historia do Brasil.

Fogo Morto é dividido em três partes. Cada uma delas traz no título o nome de um dos três personagens principais do romance. Mas as três partes se entrecruzam, os personagens aparecem ao longo de todo o livro. O coronel Lula de Holanda, senhor de engenho inepto e decadente, o mestre José Amaro, seleiro pobre e orgulhoso, e Vitorino Carneiro da Cunha, o papa-rabo, herói quixotesco, defensor estabonado dos oprimidos. É Vitorino, misto de Dom Quixote e Sancho Pança, em suas andanças e na sua busca ingênua de justiça, quem estabelece as relações entre todas as personagens, servindo como ponto central da narrativa.

A primeira parte do romance centra-se na casa, à beira da estrada no engenho Santa Fé, do Mestre José Amaro, seleiro orgulhoso e machista, o que se recusa a ser dominado por qualquer um, só trabalha para quem escolhe e admira o cangaceiro Antônio Silvino. Boa parte deste trecho da obra se constrói através dos diálogos travados por José Amaro com os passantes. Entre estes está o compadre Vitorino Carneiro da Cunha, apelidado pelas crianças de Papa-rabo. O Mestre irrita-se com o Coronel Lula de Holanda, dono das terras em que mora, e que sempre vê cruzando a estrada em seu cabriolé, sem jamais parar para cumprimentá-lo. Vai adiando, portanto, atender ao chamado do Coronel para que vá com ele conversar na casa grande. Vemos o lento processo de enlouquecimento de Marta, sua filha, em quem José Amaro bate para tentar curar. O Mestre recebe uma encomenda de compras de Antônio Silvino e sente-se muito orgulhoso em poder ajudá-lo. Seu caráter fechado e ranzinza vale-lhe a fama de se transformar em "lobisomem", e as pessoas temem encontrar com ele à noite. Por fim, tem que mandar a filha para o hospício em Recife e acaba por atender ao chamado do coronel Lula, que lhe ordena que se retire de suas terras.

No início da segunda parte do livro, temos uma regressão temporal, com o narrador retornando de 1850, ao contar a fundação do engenho Santa Fé pelo Capitão Tomás Cabral de Melo. Mudando-se para a região antes de 1848, compra as terras e funda o engenho que acaba por fazer prosperar. Casa sua filha Amélia com Lula Chacon de Holanda, seu primo, que pouco interesse ou aptidão tem para dirigir o engenho. Adoentado, deixa sua mulher, D. Mariquinha, dirigir os negócios. Quando morre, Lula entra em disputa com a sogra e acaba por tomar-lhe as terras e o poder. Castigando os escravos como requintes de crueldades, andando com seu cabriolé para cima e para baixo, Seu Lula vai se afastando cada vez mais do povo de Pilar e seu engenho entra em total decadência quando vem a Abolição e seus escravos debandam. Autoritário, impede os

homens de se aproximarem da filha. Epilético, tem um ataque na igreja e passa a se dedicar com fervor à religião. Empobrecido, gasta até as últimas moedas de ouro que lhe deixou o sogro. Sente uma inveja enorme de seu vizinho José Paulino, de seu engenho Santa Rosa, desprezando o espírito quixotesco de Vitorino Carneiro da Cunha. Esta parte se encerra com a frase melancólica: "Acabara-se a Santa Fé".

Na terceira e última parte do romance predomina a ação. O capitão Antônio Silvino invade a cidade do Pilar, saqueia as casas e lojas. Invade o engenho Santa Fé, ameaça os moradores em busca do ouro escondido. Tentando defender o engenho, Vitorino é agredido e só a intervenção de José Paulino faz com que os cangaceiros desistam. Vitorino apanha também da polícia, José Amaro e seus companheiros são presos e agredidos. No final, após serem libertados, Vitorino e o mestre José Amaro seguem rumos diferentes. O primeiro, pensa em influir politicamente na região. O segundo, abandonado pela mulher, com a filha louca e expulso da própria casa, cometera o suicídio, enquanto ao cabriolé de Lula passa pela estrada e a Santa Fé se torna "engenho de fogo morto".

Na verdade, apesar da sua estrutura literária sólida, Fogo Morto é um documento sociológico, que retrata o Nordeste e a oligarquia composta pelos senhores de engenho, ameaçada com a chegada do capital proveniente da industrialização. São engenhos de "fogo morto", onde decaí o patriarcal como suas tragédias humanas. O romance é a expressão de uma cultura, pois retrata o mundo da casa grande e o mundo da senzala com as conseqüências sociais do relacionamento de um com o outro.

José Lins do Rego manifesta a tendência regionalista da nossa literatura e da nossa ficção entre 1930 e 1945, configurando a situação política, econômica e social do Brasil. As oligarquias açucareiras são dominadas pelas oligarquias cafeeiras, revelando um sistema político apoiado em acordos de interesses, mantidos por Estados que se sustentam nos coronéis dos municípios.

Discussão

Lins do Rego Cavalcanti, em 12 de setembro de 1957, e pouco antes o falecimento de Graciliano Ramos, marcam, podemos dizer, o fim do romance modernista ligado à paisagem do Nordeste. Inaugurada com A Bagaceira, em 1928, foi essa tendência consideravelmente enriquecida por esses três escritores além da contribuição importantíssima de Rachel de Queiroz e Jorge Amado.

Sem dúvida, de todos os escritores que se firmaram como figuras representativas do grupo de romancistas modernistas do Nordeste, foi José Lins do Rego quem mais se preocupou com uma posição crítica em face de atitudes frequentemente postas por ele em confronto com as atitudes e opiniões daqueles que, no sul, particularmente em São Paulo, fizeram a Semana de Arte Moderna e orientaram um debate crítico que se prolongou até a afirmação plena do movimento. Foi por isso, como escritor, e com a sua obra regionalista, que José Lins se tornou uma presença combativa e ao mesmo tempo criticada do movimento modernista voltado para a paisagem física e social do Nordeste.

Esse autor é considerado o mais característico de nossos regionalistas. Pertence ao “grupo nordestino”, onde encontramos os maiores talentos de nossa literatura do “modernismo”: Raquel de Queirós, cearense, é uma das personalidades centrais do grupo — O Quinze. Herdeiro direto de Machado, o mais introspectivo e analítico, com grande perspicácia psicológica em suas análises, é Graciliano Ramos (Vidas Secas, elemento importante do “Grupo Nordestino”. Jorge Amado, o mais popular e também o mais engajado politicamente (Serra Vermelha, Capitães de Areia). A literatura desse momento é de tendências para a elaboração de romances sociais ou socializantes.

Neste momento (1930-45), temos a retomada de um aspecto já existente na literatura brasileira que é o Regionalismo. É um, no entanto, regionalismo novo, devido aos novos aspectos é à nova visão apresentada. O lado exótico, através do qual era retratado o Brasil por José de Alencar, Franklin Távora, desaparece por completo. O falso e superficial dissipou-se para que se mostrasse um Brasil doente, miserável, faminto que estava escondido sob a casca de um litoral “civilizado”. Começamos a ver o caboclo do interior, abrimos os olhos para uma série de problemas existentes, constatamos o baixíssimo padrão de vida, a seca, o banditismo, a superstição, conseqüências do analfabetismo e da situação totalmente marginalizada de nossa gente. Uma população dominada por uma minoria poderosa.

É uma literatura agressiva que mostra o real e sem máscaras. A literatura, então, reflete a situação política, econômica e social do Brasil. As faces do Brasil aí aparecem: o domínio da oligarquia cafeeira que sustenta o poder e a defesa de seus interesses das propriedades oligárquicas açucareiras que não resistem à dominação do café. A presença do sistema político sustentado pelos acordos e interesses, mantido pelos Estados que se apóiam nos coronéis dos municípios uma denúncia séria do romance regionalista nordestino.

É claro que cada escritor manifesta tendências diferentes, dependendo da região de origem ou mesmo de ideologia política, pois somos vários países em umas várias realidades dentro de uma só nação.

Conclusão

Com a publicação de Usina, em 1936, José Lins do Rego lançaria Fogo Morto sete anos mais tarde. Nesta obra, retoma a mesma idéia nuclear dos romances anteriores, assim como o engenho Santa Rosa e a figura do coronel José Paulino, ainda que de maneira periférica. O romance, portanto, pode ser considerado com um integrante tardio do “ciclo” que José Lins havia considerado acabado. Mais do que isso, acaba por ser a maior obra deste mesmo ciclo, pois, ao minimizar o caráter autobiográfico e nostálgico das obras precedentes, o romancista paraibano acrescenta à sua extraordinária facilidade de narrar, que mais lembra um contador de histórias marcado pela oralidade e pela naturalidade, a objetividade e a consciência compositiva que o caráter sentimental e espontâneo das obras anteriores encobria. Em Fogo Morto, portanto, o romancista maduro e consciente se sobrepõe ao memorialista nostálgico para construir sua obra-prima: síntese, aprofundamento e condensação de todas as outras.

Fogo Morto é a obra-prima de José Lins do Rego. Romance de feição realista revela o processo de mudanças sociais passados no Nordeste brasileiro, num período desde o Segundo Reinado até as primeiras décadas do século XX.

O tema central de Fogo Morto é o desajuste das pessoas com a realidade resultante do declínio do escravismo nos engenhos nordestinos, nas primeiras décadas do século XX. Gira em torno de três personagens empolgantes, que são as três mais fortes personagens da sua criação ficcional. São elas: o mestre José Amaro, o artesão, o major Luís César de Holanda Chacon, o senhor de engenho decadente, e o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, que é, sem dúvida, a maior personagem do livro e de todos os romances de José Lins do Rego.

Referências

- Fogo Morto, Publicado em 1943, Fogo Morto é a última obra-prima do regionalismo neo-realista surgido no Brasil durante a década de 30. A prosa de ficção dos anos 30. Disponível em: <http://fredb.sites.uol.com.br/fogo.html> Acesso em 21/09/2011.

XVINIC

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica

XI EPG

Encontro Latino Americano
de Pós Graduação

VINIC Jr

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica Júnior

- Resumo do livro Fogo Morto, de José Lins do Rego. ... Fogo morto é considerado a obra-prima de José Lins do Rego. Mário de Andrade chegou a exclamar "E que obra-prima Fogo Morto". Disponível em:
<http://resumodelivro.net/fogo.morto/> Acesso em 21/09/2011.

- Dicas de Leitura - CDS Caicó - Colégio Diocesano Seridoense. O tema central de Fogo Morto é o desajuste das pessoas com a realidade resultante do declínio do escravismo nos engenhos nordestinos. Disponível em:
<http://cdscaico.com.br/dicas-de-leitura/8> Acesso em 22/09/11.